

Agustina Bessa-Luís

Vento, Areia e Amoras Bravas

Guimarães Editores

Agustina Bessa-Luís redigiu e Mónica Baldaque ilustrou. Escrito, como habitualmente, na cidade do Porto, este livro de Agustina Bessa-Luís retorna aos tempos da infância, aos deslumbramentos, inseguranças e atribulações da aprendizagem da vida. *Vento, Areia e Amoras Bravas* é um título dançarino. Todo ele mexe e convida a dançar e arrasta o movimento da juventude que depois vai conduzir à idade consular. As descobertas fazem-se ao longo de 84 páginas, marcadas pela «história radiosa de Lourença», eixo e motor de toda a narrativa. São, também, razões e histórias do vento, a «carregar o tumulto do coração que brinca e sofre», da areia, que «seca os caracteres com que se escreve a vida ainda sem servidão» e de amoras bravas, «negros caprichos que deslizam em cachos mal maduros até ao tempo da consciência e da criação.» Mas consigo vem, igualmente, a segunda parte de *Dentes de Rato*, presente «como gota de azougue imóvel na palma da mão. Estará imóvel ou apenas encantada? Veremos... Veremos... que as histórias são para explicar estas coisas. A leitura fez-se para encher o silêncio de mágica».

Para lhe dar cor, lá se encontram, a par de Lourença, o capitão Machado, Serafina (a avó espanhola de feitio furioso), Marta, o estudante Cordeiro, o pai Falco, *mademoiselle* Rosa Maria, Cacilda, as meninas Crisóstomo e a Tia Margô (que «parecia uma rainha louca. Até o nome era de rainha: Maria Vitorina Margarida Josefina»), algumas das presenças fortes de uma galeria extensa.

São histórias de cumplicidade, família e vizinhança mais ou menos próxima. De passeios à praia no verão, escapadelas ao cinema para não perder as últimas novidades dos anos de ouro de Hollywood, leituras, primeiras experiências e mudanças, mortes e casamentos, amores e amizades, conflitos e consensos.

Por cenário privilegiado, a casa. E os objetos que a povoam. Sinais, também, de quem lá viveu antes, imponentemente retratados num qualquer quadro pendurado na parede ou nas recordações epistolares guardadas em cofres ou gavetas de difícil acesso.

Espaços de memória passados à escrita, num só mês, o de maio de 1990.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*